OLIVEIRA MELLO

Paracatu Perante a História

Oficinas Gráficas «FÔLHA DIOCESANA»
Petrópolis de Minas — Minas Gerais

51-FOM
930.(815.1)
M527p
1

ARQUIVO PUBLICO MUNICIPAL
OLÍMPIO MICHAEL GONZAGA
Rua Temístocles Rocha, 249 Centro - Paracatu-MG
CEP:38.600-270 - TEL. (38) 3671-5236

Oliveira Mello

930.(815.1)
M527p

Fundo Oliveira Mello/Cód. 496/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ARQUIVO PUBLICO MUNICIPAL
OLÍMPIO MICHAEL GONZAGA
Rua Temístocles [illegible] Paracatu-MG
CEP:38 [illegible]

Reg Nº 707
25 / 09 / 2023
/ / /
/ /

Fundo Oliveira Mello/Cód. 496/Acervo Arquivo Público de Paracatu

OLIVEIRA MELLO

Paracatu Perante a História

- 1960 -

Oficinas Gráficas «FÔLHA DIOCESANA»
Patos de Minas — Minas Gerais

Estado Oliveira Mello/Cód. 405/Acervo Acervo Público de Paracatu

Indice

Págs.

Introdução 5

Surge o nome de Paracatu 7

Os primeiros povoadores 7

O Govêrno Eclesiástico 10

A morte do Bispo 11

A Educação em Paracatu 12

Paracatu perante o Reino e o Império 14

A arte e a Imprensa 15

A Prelazia e a Assistência Social 16

Pe. Domingos Simões de Cunha 19

Francisco de Melo Franco 21

Alonso Adjuto 22

Afrânio de Melo Franco 23

Carlos Campos 24

Firmina Santana 25

1-9-1959

Introdução

Momentos de satisfação vivo nestes instantes em que falo à juventude estudantil e ao povo patense. Satisfação por estar em contato íntimo com o povo-irmão para falar sôbre a História de Paracatu, terra-mãe de Patos de Minas e sôbre os seus filhos que se projetaram pela nação e através de suas fronteiras. Quando convidado pela Exma. Sra. D. Filomena Macedo Melo, DD. Diretora da ENO, para debuchar a história de Paracatu e a vida de seus homens, como uma das partes comemorativas da semana da Pátria, prazeirosamente accedi ao convite e senti-me desvanecido. Desvanecido por estar recordando a vida de minha Paracatu, tão cheia de lutas, mas não menos repleta de vitórias. Conquistas que a fizeram respeitada por êsse Brasil afora.

Quando piso esta Patos de Minas e sinto o progresso vertiginoso à minha frente, revivo meus dias em Paracatu. Francamente, sob meus pés sinto o asfalto transformado nas pedras calejadas, nas ruas amarrotadas e sinuosas de uma Paracatu sòzinha, criada no canto de sertão, para embalar uma vida de progresso financeiro e intelectual e depois... cair no saudosismo. Pois o fruto da ambição, uma vez maduro, tende cair por terra. E Paracatu nasceu da ambição dos homens, que procuravam a fortuna nos leitos dos ribeiros, à custa do sangue dos pobres e abatidos negros. Paracatu nasceu sob a sombra do ouro para crescer na vida intelectual que a haveria de imorta-

lizar. Pois se fôsse apenas o ouro, Paracatu já haveria se tornado ao esquecimento. No entanto foram as letras, o saber que a elevou e a fez respeitada nos quadrantes do País.

E quando ando por aquelas ruas de Paracatu, testemunhas silenciosas de pelejas, de vitórias e de desilusões, sinto os passos cadenciados de um homem envergado dentro da sotaina preta, conduzindo o Cristo Sacramentado. Levando o alívio aos sofredores e alegrando o povo com as suas peças teatrais, suas sátiras, suas odes e sua célebre «A Tapuiada» representada ainda em Paracatu a 15 de Agosto de 1952. Sinto os passos do Padre Domingos Simões da Cunha, ainda no século XVIII. Quando, descendo Largo do Sant'Ana abaixo, contemplo o sobradinho dos Melos Francos. Vejo o menino Francisco, aos 12 anos de idade, sair com grande comitiva rumo ao Seminário de S. Joaquim, do Rio, para brilhar lá no reino e retornar-se à Pátria como cientista famoso e médico acompanhante da Princesa D. Leopoldina. Subindo a Rua da Praça, vejo dois meninos, apesar de irmãos, de gênios completamente diversos, fazendo suas estrapolias pelo Córrego-Rico abaixo até à Chácara do avô José Martins. Dois irmãos que a história literária e política do país os haveria de guardar com carinho: Afonso Arinos e Afrânio de Melo Franco. Passando pela Rua S. Domingos contemplo a figura de Alonso Adjuto, poliglota que falava corretamente 14 línguas e conhecia todos os outros idiomas. Descendo a Rua das Flôres, diviso a figura de Carlos Campos, jurista de renome e pensador acatado. Entrando pelo velho casarão da Escola Normal a dentro, vislumbro a pessoa de Firmina Sant'Ana que, da pobreza e da humildade, conquistou a glória de ser a primeira nutri-

cionista brasileira. E é revivendo tudo isto que volto a mais de três séculos.

— CAP. I —

Surge o nome de Paracatu

Estamos portanto no alvorecer do século XVIII, quando Alcântara Machado, em seu livro «Vida e Morte do Bandeirante»diz que Nicolau Barreto chega às margens do Paracatu e cita, textualmente. «Neste sertão e Rio de Paracatu, aos 2 de abril de 1603». Depois de Nicolau Barreto, a primeira expedição que alcançou os sertões de Paracatu, foi a de Lourenço Castanho Taques, o Velho, isto em 1670. Gastão Salazar em suas crônicas, «Vozes do Passado», está conforme Arinos quanto à chegada de Castanho Taques a Paracatu, mas afirma que foi através de Taques, em 1670, a primeira vez que surge o nome de Paracatu. Já o Prof. Olympio Gonzaga em sua «Memória Histórica de Paracatu» assegura que foi através do Roteiro de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que o nome de Paracatu surgiu, encontrado por um jesuita, no mosteiro da Bahia, com data de 1725.

— CAP. II —

Os primeiros povoadores

Para Afonso Arinos, não é exata a afirmação de Diogo de Vasconcelos, de que «Castanho Taques foi ter à serra além do Paracatu cujo arraial iniciou». Ainda na opinião de Afonso Arinos, Paracatu surgiu na ocasião da abertura da picada que ligou o centro minerador de Goiás aos centros criadores dos afluentes de São Francisco. Pois Paracatu era ponto de

passagem para o gado de São Francisco e para o ouro de Vila Boa de Goiás. E «situa o aparecimento do arraial no prazo que medeia entre 1736 e 1744, sendo mais inclinado para 1736. Enquanto o Prof. Olympio Gonzaga, apoiado em documentos de Arquivo da Matriz afirma que as primeiras casas do arraial foram edificadas entre o Córrego Pobre e o Córrego Rico, em 1734. Gastão Salazar afirma que Caldeira Brant, através de documento de Taques — pois era casado com uma bisneta de Taques — chegou a Paracatu em 1739, vindo de Vila Boa de Goiás, talvez, em março. Pois, já havia estradas para Goiás conforme citação: «A chapada dêste arraial, por cima da Rua chamada dos Goyazes». Enquanto Olympio Gonzaga afirmou que os Caldeiras, (eram quatro irmãos, chefiados por Felisberto, Joaquim, Conrado e Sebastião,) foram os primeiros a fixar moradia em Paracatu e chegaram primeiro que José Rodrigues Frois, nisto está de acôrdo com Gastão Salazar, - que admite a chegada de José Rodrigues Frois antes de 1742. Mas Afonso Arinos já presume que os Caldeiras tenham chegado lá por volta de 1744 e permaneceram até 1747, já encontrando Rodrigues Frois. Também Gastão Salazar afirma que Caldeira Brant deixou Paracatu em 1747, quando mudou para Tejuco (Diamantina). Paracatu em 1744, já era arraial, pois Xavier da Veiga em «Efemérides Mineiras» assegura que o Tribunal da Inquisição de Lisboa condena um padre, José Ribeiro Dias, suspendendo-o de ordens e um cristão-novo residentes em Paracatu, em 24 de Setembro de 1744.

Ainda o Prof. Olympio Gonzaga insiste em que Rodrigues Frois tenha chegado a Paracatu guiado pelo legítimo roteiro do Anhanguera, enquanto Caledeira Brant chegou guiado por uma cópia de verdadeiro ro-

teiro, à Zona Sul, Córrego Rico, batizado por Felisberto com êste nome, cuja povoação recebeu o nome de **Arraial de São Luiz e de Sant'Ana das Minas do Paracatu**, conforme Arquivo da Matriz de 25-Agosto-1791; Frois alcançou a Zona Norte que se denominou São Domingos. O nome de **Piracatu** surge apenas em 1830, em um documento assinado pelo Bispo de Pernambuco, a cuja Diocese pertencia a Vigararia de Paracatu.

Em minha opinião estou de acôrdo com Afonso Arinos quando êle diz Paracatu haver surgido por ocasião da abertura da picada que ligou o centro minerador de Goiás aos centros criadores dos afluentes de São Francisco, aliás, o que confirma Gastão Salazar, consoante a citação, assegurando haver estrada para Goiás. Ainda, na minha opinião, os Caldeiras não permaneceram apenas três anos em Paracatu, de onde levaram 200 arrobas de ouro em pó, como quer Afonso Arinos. Concordo com Gastão Salazar e Olympio Gonzaga, que Frois tenha chegado depois dos Caldeiras. E isto confirma Rodrigo Otávio em seu livro «Felisberto Caldeira», cujo irmão Joaquim se casou com D. Helena, moça de 18 anos, irmã de Rodrigues Frois. Pois os Caldeiras estavam correndo da Justiça e, com apenas 3 anos, não seriam esquecidos seus crimes. Talvez tenha ficado mais de 10 anos em Paracatu, para depois Felisberto entrar, como entrou, em tão alto comércio de contratador de Diamantes em Tejuco. Conforme Documentos por mim encontrados no Arquivo da Matriz, opino que Paracatu tenha surgido bem antes de 1734. O certo é que, em 1744, Frois levou ao conhecimento do Governador Gomes Freire, de Andrade a descoberta das Minas. Como prêmio o Governador nomeia Frois Guarda-Mor e distribuidor das Minas, ficando

o mesmo com o Morro do Ouro ou Cruz das Minas.

Uma vez conhecidas as minas, através do manifesto de 1744, milhares de moradores das regiões ocidentais do São Francisco e demais Comarcas da Capitania, logo se transferiram para lá, havendo um grande surto de progresso e o arraial já contava com mais de 3.000 habitantes. A guardamoria foi extinta quando o arraial foi elevado à vila, sendo Francisco Manuel Soares Viana, avô do Visconde do Uruguai, o último Guarda-Mor.

— CAP. III —

O Govêrno Eclesiástico

O Govêrno eclesiástico em Paracatu se instituiu durante o episcopado de D. Frei Luiz de Santa Teresa, 7º. Bispo de Pernambuco, que assumiu o govêrno em 1739. A razão de Paracatu ficar sob a jurisdição eclesiástica de Olinda, está em o Padre Antônio Mendes Santiago, Vigário de São Romão, haver se transferido para Paracatu, nos primeiros tempos da vida do arraial. E êste fez com que Paracatu fôsse logo erigida em Paróquia por provisão de 8 de Fevereiro de 1755, pelo 8º. Bispo de Pernambuco, D. Francisco Xavier Aranha. A Matriz de Paracatu e a Vigararia da Comarca do Manga, onde já funcionava havia uns 9 anos, continuou sob a jurisdição do Padre Mendes.

Em 1744 foi erigida a primitiva Igreja do Rosário dos Pretos. Quanto à de Sant'Ana, extinta em 1935, é desconhecida a data, sendo provável que foi bem antes da do Rosário, pois foi a principal da povoação e foi erigida pelo Padre Mendes. Gastão Salazar afirma que foi em 24 de Dezembro de 1744. Ainda o Pa-

dre Mendes quem construiu a Igreja Matriz de Santo Antônio do Manga (atual Catedral). Desde 1750 já funcionava como Igreja Matriz, conforme primeiro livro de assentos de Batismo, por nós encontrados com a data de 1750, sendo vigário o Padre Mendes Santiago e Coadjutor: Padre Luiz, (o sobrenome é ilegível). A Igreja Matriz e de Sant'Ana, eram dos brancos, enquanto os pardos construiram as suas: Igrejas da Abadia e do Amparo, ambas extintas. A separação de raça era tão grande que, os próprios padres, eram da mesma côr a quem pertenciam as Igrejas.

Paracatu pertenceu à Diocese de Olinda até 8 de Julho de 1854 quando, por Bula da Santa Sé, foi criada a Diocese de Diamantina. D. João Antônio dos Santos, primeiro Bispo de Diamantina, também foi o primeiro Bispo a fazer visita pastoral a Paracatu.

— CAP. IV —

A Morte do Bispo

Quanto ao envenenamento do Bispo D. Frei Luiz de Santa Tereza, em Paracatu, que o Prof. Olympio Gonzaga narra em sua «Memória Histórica», Gastão Salazar prova o contrário. «Chamado à côrte, para onde seguiu em 1754, D. Fr. Luiz de Santa Tereza, não mais voltou à sua Diocese. Faleceu em Lisboa em 17 de novembro de 1757.» E que, depois de 3 dias, chegado a Paracatu, a 8 de outubro de 1808, quase repentinamente, falece o primeiro Bispo de Goiás, D. Alexandre Vicente Tovar, que se encontra sepultado na Matriz de Paracatu, ao pé do altar-mor, ao lado do Evangelho. De fato, encontrei no livro de fábricas da Matriz o assento do sepultamento de um Bispo, no

lugar supra-referido e com a data conferente, no entanto sem dar o nome.

— CAP. V —

A Educação em Paracatu

Ainda não se pode acentuar bem em que data surgiu o ensino superior em Paracatu. Creio, no entanto, que foi por volta do ano de 1770. Pois o primeiro professor de «aula de gramática latina» que a história de Paracatu registra, é o Padre Francisco Rebordões. O Pe. Rebordões foi professor do Pe. Domingos Simões da Cunha que nasceu em 1755. Mais ainda, desde 1788 o Padre Rebordões era professor provisionado da referida cadeira de «aula de gramática latina».

Sucedeu ao Pe. Rebordões o Padre João Gaspar Esteves Rodrigues, Vigário Geral da Comarca, Protonotário Apostólico, Cavaleiro da Ordem de Cristo, professor régio da «aula de gramática latina» de Paracatu. Foi professor de João Antônio Soares de Sousa, pai do Visconde do Uruguai, nascido em Paracatu e filho do último Guarda-Mor das Minas de Paracatu, Francisco Manoel Soares Viana. João Antônio Soares de Sousa lecionou latim em Paris, aprendido na obscura vila da Capitania das Gerais, a fim de custear os seus estudos de Medicina.

Desde 1780 Paracatu já possuia uma corporação musical e uma sociedade teatral que distraia o povo com dramas e comédias que levava à cena, na Casa da Ópera, à rua do Ávila. Tudo isto organizado pelo Pe. Domingos Simões da Cunha.

Por decreto-régio de 17 de maio de 1821, é cria-

da a «Cadeira de Retórica e Filosofia», na Vila de Paracatu do Príncipe, sendo a primeira localidade do interior a possuir uma cadeira oficial de filosofia. Daí o cognome de «Atenas Mineira». Em 1825, apenas 23 alunos que frequentavam a aula de gramática latina, que compreendia retórica e filosofia. O último professor da cadeira de gramática latina foi o latinista e pintor Sancho Porfírio Ulhoa. Em 1873, esta antiga cadeira incorporou-se à primeira cadeira do velho Externato de Paracatu. Foi o seu professor o latinista Clarindo de Melo Franco, filho do Dr. Bernardo Melo Franco, integrante da Revolução de 1842, irmão do Dr. Manoel Melo Franco, um dos chefes revolucionários da referida Revolução. Ambos médicos. Manoel era homem de temperamento rígido e independente. Prova disto, quando estudante em São Paulo, aos 19 anos de idade, doente, dispensa a intervenção de um amigo que se propusera recomendá-lo aos lentes: «Desejo fazer todos os meus exames independentes de contemplações, não porque eu tenha soberba ou orgulho, mas sim porque eu pretendo estudar.»

A lei que criou, no Império, escolas de primeiras letras, - rezava: «Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas». As mestras ensinarão a ler, escrever, as quatro operações, a gramática da língua nacional, os princípios da moral cristã e também as prendas que servem à economia doméstica». Houve em Paracatu, segundo essa lei, uma escola de meninas. A primeira mestra nomeada, desta escola, foi D. Josefina da Costa Pinto, substituida mais tarde, motivo de doença, por sua genitora D. Luiza da Costa Pinto. Desta família Costa Pinto, nascido em Paracatu, a 25 de novembro de 1802, foi o Cons. Antônio da Costa Pinto. Além de Deputado, ocupou os seguintes cargos: Presidente das Províncias de Minas, em 1836; de

Pernambuco, em 1848; da Bahia, em 1860. Conselheiro do Estado, em 1861; Desembargador das Relações de Pernambuco e da Côrte, foi, em 1870, investido da alta função de Ministro do Supremo Tribunal da Justiça. Faleceu no Rio a 20 de Março de 1880.

A lei de 27 de março de 1828 que organizou o ensino primário e secundário na província de Minas, conservou as escolas já existentes em Paracatu e, das 87 escolas creadas, couberam ao Termo de Paracatu sete nas povoações de São Romão, Salgado, Araxá, Dôres, Desemboque, Uberaba e Alegres.

Em 1880 é criada a Antiga Escola Normal. O Grupo Escolar Afonso Arinos é fundado a 26 de setembro de 1908. A atual Escola Normal Oficial Antônio Carlos, é fundada a 3 de maio de 1925. O Colégio Nossa Senhora do Carmo, das Irmãs Carmelitas, é fundado em 1952 e, ainda em 1952, a 12 de junho, o Grupo Escolar D. Serafim.

— CAP. VI —

Paracatu perante o Reino e o Império

D. Maria I por alvará de 20 de outubro de 1789, elevou o arraial à categoria de vila, em homenagem ao nascimento de D. Pedro I, daí o nome de vila de Paracatu do Príncipe. Pelo mesmo alvará de 1789, cria-se o cargo de Juiz-de-Fora no local. O primeiro Juiz nomeado por carta-régia de 4 de Março de 1799, foi José Gregório de Morais Navarro, incumbido de fundar a vila.

Morais de Navarro recebido triunfalmente a 13 de dezembro de 1799, toma posse nos paços do Conselho, no dia seguinte. Imediatamente providenciou a eleição dos oficiais da Câmara. Constituida a Câmara Municipal de 6 vereadores e instalada a 18 de dezembro de

1799, cuidou de estabelecer as fontes de renda pública. O calçamento atual de Paracatu foi então realizado no período do Govêrno do Ouvidor Morais Navarro, isto é, em 1.800.

Por alvará de 16 de maio de 1815, foi criada a Comarca de Paracatu. Ainda por alvará de D. João VI, de 4 de abril de 1816, S. Domingos do Araxá e Desemboque, desmembraram-se de Goiás e passaram a pertencer a Paracatu. Foi a Quinta Comarca a ser criada em Minas e a maior em extensão territórial. Ia, desde Carinhanha, entestando com a Bahia; S. Marcos e Paranaíba aparando-a de Goiás; Rios Paranaíba e Grande dividiam-na com as províncias de S. Paulo e Mato Grosso.

Em junho de 1821, na Assembleia constituinte do Rio, José Bonifácio proferia um discurso a respeito da mudança da capital para o interior e localizava a Comarca de Paracatu, como o sítio mais indicado e sugeria o nome de Petrópole ou Brasília.

Por lei de 30 de outubro de 1831 desmembraram-se de Paracatu, São Romão e Salgado. Por lei de 9 de março de 1840 Paracatu, de Vila, é elevada à categoria de Cidade. Por lei de 23 de março de 1840 foi a vez de se desmembrarem Patrocínio, Desemboque e Araxá. Por fim Santo Antônio de Patos, esta Patos de Minas gloriosa de hoje se emancipa em data de 30 de Outubro de 1866.

— CAP. VII —

A arte e a Imprensa

A 7 de julho de 1878 foi fundada a Banda de Música Euterpe, ainda existente.

Em 1888 o filodramático de Paracatu, há pouco

colocado a baixo para ceder lugar ao moderno Cine-Teatro Paracatu. Dêle ainda existe a lira entalhada em pedra sabão, encimada por uma pomba branca e circundada por ramos de café.

Em 1893, foi fundado o primeiro jornal de Paracatu, o «Luzeiro» primeiramente manuscrito e depois impresso, sob a redação de Júlio César de Melo Franco, Júlio Roquete e Padre José de Araújo Pereira. Ainda em 1893, a «Gazeta de Paracatu» sob a direção do Dr. Pedro Salazar. Em 1896, o «Paracatu» sob a redação de Júlio Cesar de Melo Franco e Alceu Vitor Rodrigues; »Rosa do Lar» e «Lar Católico» sob a direção de Dª. Paulina Pessoa. Em 1909, «Fôlha do Povo», redação de Alírio Carneiro, Josino da Silva Neiva e Bernardo Caparucho de Melo Franco; «O Paracatuense» êmulo da «Fôlha do Povo», redação de Gastão de Deus Victor Rodrigues. Em 1914, «A Voz do Sertão» sob a redação de Carlos Tunes e Santos Roquete. Em 1931, «Paracatu-Jornal», redação de Bernardo Caparucho. Em 1934, «O Município» órgão oficial, direção de Dr. Câmara Filho. Ainda em 1934, «O Imparcial" e "Renascença" de Bernardo Caparucho. Em 1937, "A Fôlha de Paracatu" direção de Dr. Wladmir da Silva Neiva. Em 1952 «A Tribuna de Paracatu» redação e direção de José H. Barata e Maria Conceição Adjuto. Em 1958, o periódico «Atenas Mineira» das alunas da Escola Normal Oficial.

Em 1927 o Joquei Clube Paracatuense, o único em atividade ininterrupta no interior de Minas.

— CAP. VIII —

A Prelazia e a Assistência Social

Pela Bula "Pro munere sibi divinitus" de 1 de

março de 1929, S.S Pio XI criou a Prelazia de Paracatu, desmembrando-a das Dioceses de Montes Claros e Uberaba. No dia 31de Julho de 1929 chegaram a Paracatu os 4 primeiros carmelitas da Provincia Fluminense, encarregados do Govêrno da Prelazia, tendo como Administrador Apostólico o atual Sr. Bispo-Prelado, S. Excia. Revma. D. Eliseu Van de Weijer, juntamente com êle vieram os Revmos. Pes. Fr. Carmelo e Fr. Miguel e o Irmão Fr. Romeu. Tomaram posse a 4 de agosto de 1929. Em maio de 1940 foi eleito Bispo o Administrador Apostólico e sagrado a 27 de outubro do mesmo ano pelos Exmos. e Revmos. D. Benedito Mazzela, então Núncio Apostólico e D. Francisco de Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabá e Dom José André Coimbra, então Bispo de Barra do Pirai.

Em seu govêrno criou mais duas paróquias: Vazante e Guarda-Mor e proviu Unai e duas novas paróquias.

A Prelazia, atualmente, conta com 14 sacerdotes, todos carmelitas holandeses, e 7 paróquias. Não há clero secular. Na sede, com o Sr. Bispo trabalham mais 4 padres e, em cada paróquia, 2 sacerdotes.

Dos 3 primeiros padres fundadores da Prelazia, só é falecido o Revmo. Fr. Carmelo Lamboy. Ao passo que ainda o Revmo. Fr. Miguel e S. Excia. D. Eliseu já se encontram na Prelazia há quase tres décadas.

A primeira e única congregação feminina é o Instituto das Irmãs Terceiras Carmelitas Missionárias de Santa Tereza do Menino Jesus do Brasil vindo diretamente de Roma as 4 primeiras irmãs fundadoras. Chegaram em Paracatu a 18 de janeiro de 1948. Como superiora veio a Madre Maria Inês Giunta que ainda continua. Também não se deixaram vencer

ante as dificuldades. Puseram mãos às obras. Surgiu, em 1948, a Sala de Trabalhos Manuais onde eram ministradas aulas às moças da cidade. Em 1-8-1949 nasce o Jardim da Infância.

Após estas realizações vem o Colégio Nossa Senhora do Carmo, em 1-2-1952 com os cursos pré-primário, primários, 5.o ano em preparação ao ginásio. O colégio funciona no antigo Clube 22. Êste prédio foi doado às Irmãs pelo povo paracatuense, em fins de 1951. Depois disto já compraram mais 4 casas anexas e constuiram um salão para dormitório das internas. Ainda em 1952, receberam as 9 primeiras órfãs, semente do orfanato que já se encontra com mais de 30 órfãs e 20 internas, germens do internato.

Desde 1950 abriram a casa do Noviciado, anexada mais tarde ao Colégio e ao Orfanato. Três religiosas, em julho de 1955, fundaram uma casa em Paranavaí, no Paraná, de onde, também tem vindo vocações, inclusive japonêsa e descendentes de alemães.

Além da casa sede em Paracatu, também o Hospital «dr. Adelmar da Silva Neiva» está a cargo delas com três irmãs. Em 1955 foram à Itália de onde trouxeram mais 5 irmãs.

Ainda possui a Prelazia uma obra de Assistência Social com um patrimônio de Cr$ 20.000.000,00, que foi organizado e é dirigida por Fr. Norberto Broenink com cooperação de leigos e subvencionada pelos Governos Federal, Estadual e Municipal.

Esta assistência social se compõe de: Pôsto de Puericultura, fundado a 1-9-1953. Nele se encontram 2.500 crianças e 148 gestantes matriculadas. Tendo assistência médica - farmacêutica e alimentar gratuitas. Dois médicos e 2 enfermeiras trabalham diàriamente.

Depois da assistência do Pôsto às crianças, diminuiu 80% o índice de mortalidade infantil.

Centro Social da Liga Católica Paracatuense J. M.J., com finalidade caritativa, religiosa, educacional e esportiva.

Possui sede-social própria, com um salão de cinema e teatro com capacidade de mais de 300 espectadores. Além da sede também um Estádio de Esportes. São 506 os seus sócios. Já se iniciou a construção de um Partonato fundado a 30-5-50. Acha-se localizado numa chácara de 50 alqueires de sua propriedade, na zona sub-urbana da cidade, à margem da BR-7. Será constituido de Patronato agricola, escola profissional e grupo escolar.

Conferência de S. Vicente de Paulo, possui um abrigo com média de 40 velhos. Fornece assistência à pobreza em geral com assistência médica e alimentar num valor de Cr$1.000.000,00 anuais. O abrigo consta de 9 pavilhões, com uma enfermaria própria, esplêndida instalação, boa cosinha e quartos individuais.

Sociedade das Damas de Caridade, são as senhoras encarregadas de serviço e assistência social do Pôsto de Puericultura e auxiliam os vicentinos nas visitas aos pobres.

A atual extensão da Prelazia é de 46.704 kms2 e a população è de 150.000 habitantes.

— CAP. IX —

Pe. Domingos Simões da Cunha

Depois de vivermos todos os instantes de Paracatu de ontem e de hoje, vamos falar sôbre a vida

de seus homens que se projetaram no âmbito nacional e internacional. Resumidamente, tentamos retratar, o mais fiel possível, a fisionomia de todos êles.

Dentre êles, o primeiro, foi o **Padre Domingos Simões da Cunha**, nascido no arraial de S. Domingos, em 1755, filho do abastado Capitão-Mor Domingos Simões da Cunha. Grande latinista, e versado em italiano, francês e lingua indígena. Cultivou também a poesia, a literatura dramática e música. Foi o introdutor do côro musical e espetáculos teatrais em Paracatu.

"O seu estilo na prosa era grave, singelo e conciso, mas na poesia modificava-se muito, tornando-se gracioso, familiar e sublime em certas composições. Improvisador de grande valor e realce.

Era naturalmente muito afável, muito polido e urbano no seu trato soeial, muito espirituoso em sua conversação; mas muito independente, de gênio bastante altivo. Caridoso e filantropo, empregou sempre os bens da fortuna que herdou, como filósofo, com prudente generosidade. Foi seu herdeiro o Padre Francisco Pereira Tavares, seu sobrinho." Faleceu a 29 de setembro de 1824. Foi sepultado na Igreja do Amparo.

Escreveu muitas peças de música, algumas acompanhadas de poesia de sua lavra que, até hoje, são apreciadas pelo povo de Paracatu, tais como "A Tapuiada". Além de sermões escreveu: - "Gil Braz", comédia representada com muito aplauso. "Poema" dedicado a D. João VI; "Queixas do presbítero indigente". "Ao abuso que se fazia ao chapéu de sol", satira. "A feliz e estimada vinda do nosso amado Pastor, o Revmo. Padre Joaquim de Melo Franco", cde. Estas três

últimas publicadas na Revista Brasileira de 1863, do Rio.

— CAP. X —

Francisco de Melo Franco

Francisco de Melo Franco, filho de João de Melo Franco e de Da. Ana Caldeira de Oliveira, nasceu a 17 de setembro de 1757.

Amigo íntimo do Padre Domingos. Aos 12 anos de idade vai para o Rio, onde se matrícula no Seminário S. Joaquim e, de onde, em 1771, vai para a Europa. Matriculou-se na Universidade de Coimbra, no curso de medicina. Em 1777, interrompeu seu curso de medicina, pois é condenado a 4 anos de prisão em Ribafolles, pelo Santo Ofício, "como hereje, naturalista dogmático negador do sacramento do matrimônio".

Em 1786 termina a medicina e, assim que consegue o diploma, aparece "O Reino da Estupidez" poema satírico "como um pacto de azedume e escárneo à Universidade". Atingiu as culminâncias da vida médica e inteletual de Lisboa. Em 1810, membro da Academia de Ciências, em cuja secretaria sucedeu ao amigo José Bonifácio. Como cientista: Médico da Real Câmara e Secretário da Academia Real de Ciências.

A pedido de D. João VI, que lhe escreveu de próprio punho, vendeu seus bens em Portugal, em 1817, e foi para Livorno, acompanhar D. Leopoldina d'Áustria, noiva de D. Pedro, até o Brasil. Muito bem recebido pelo Rei. Mas, por intrigas, cai no desprêzo, sendo expulso do paço, como elemento perigoso. Faleceu, em extrema pobreza, para uns em Ubatuba, para outros, em São Sebastião, no Estado de São Pau-

lo, em 1823.

Contribuição importante de Melo Franco, para a ciência é a indrodução da vacina contra a varíola. Também foi o nosso primeiro puericultor brasileiro.

Além de "O Reino da Estupidez" escreveu "Tratado de Educação Física dos Meninos", "Medicina Teológica", cuja doutrina é de acôrdo com Freud; "Elementos de Higiene" "Ensaios sôbre as Febres do Rio de Janeiro" ainda lhe são atribuidas: - "Respostas aos filósofos solitários" e "Noites sem sono", compostas na prisão, mas nunca impressas estas elegias.

CAP. XI

Alonso Adjuto

Alonso Adjuto, poliglota de grande envergadura e autoridade. Todos os ramos linguísticos lhe eram familiares, além de falar corretamente umas 14 línguas. Estudou grego, em alemão, apenas 3 mêses e, depois, em concurso, derrotou seu próprio professor para a cátedra de Grego no D. Pedro II, do Rio. Nasceu em Paracatu em 1863 e faleceu no Rio em 1897. Capristrano de Abreu vai servir-se da autoridade de Alonso Adjuto, quando prova que BRASIL deve ser escrito com S e não com Z - "Alegou-se que Brasil vem de brasa; e brasa deve escrever-se Z. Que brasa deve escrever-se com S. demonstrou-o cabalmente o saudoso Alonso Adjuto, lente de grego do Ginásio Nacional..."

Estudou no Seminário de Diamantina, em Ouro Preto, na Escola Politécnica do Rio. Cursou durante 4 anos a Escola de Medicina, mas o que o fascinava eram os estudos linguísticos. Terminou formando-se em Di-

reito e, grande amigo e cultor da filosofia. Tornou-se poliglota de autoridade.

CAP. XII

Afrânio de Melo Franco

Afrânio de Melo Franco, nasceu em Paracatu, a 25 de fevereiro de 1870, filho de Virgílio Martins Melo Franco e de D. Leopoldina Pinto da Fonseca. Iniciou seus estudos na terra natal, tendo bacharelado-se em Direito, na Faculdade de São Paulo em 1891. Secretário da Legação Brasileira em Montividéu. Secretário da Faculdade de Direito de Minas e Catedrático de Direito Internacional da mesma Faculdade. Deputado Estadual de 1902 a 1906. De 1906 em diante Deputado Federal. Legado do Govêrno Brasileiro para a posse do Presidente José Gutiernez Guerra, da Bolívia. Situou a posição do Brasil na América Latina em 1914. Secretário das Finanças de Minas em 1918 e, a 14 de novembro de 1918, Ministro da Viação, durante os mêses que ocupou o Ministério, foi além dos limites da pasta. Delegado do Brasil à 1.ª Conferência Internacional do Trabalho em Washington. Convidado a Ministro da Guerra. Em fevereiro de 1923, preside à delegação brasileira à 5.ª Conferência Pan-Americana em Santiago do Chile. Em agosto de 1923 é designado por Bernardes para sua primeira missão na Liga das Nações. Entre os trabalhos de Melo Franco, como representante do Brasil no Conselho, aquêle que maior repercussão alcançou foi o referente à proteção das minorias nos países pertencentes à Liga. Retira-se do Ministério das Relações Exteriores em fins de 1933, por causa de uma crise política

interna, na 7a. Conferência Pan-Americana reunida em Montividéu. O nome de Melo Franco, no ano de 1934, no qual conquistara tão límpido triunfo em Leticia, foi lembrado para o Prêmio Nobel da Paz. Lembrado pelo Govêrno do Equador como árbitro para resolver o grave problema de fronteira, existentes entre aquela República e a do Peru. Em 1938 preside novamente a Delegação Brasileira na 8a. Conferência Internacional; eleito presidente da primeira e mais importante comissão, da organização da paz. Faleceu no Rio a 1. de janeiro de 1943.

CAP. XIII

Carlos Campos

Carlos Campos, nasceu em Paracatu a 2 de fevereiro de 1893, sendo filho do Dr. Martinho Alvares da Silva Campos e de Zulmira Loureiro Campos. Formou-se pela Faculdade da Universidade Nacional, em 1917. Ate 1927 dedicou-se exclusivamente à advocacia e magistério em Paracatu.

Deputado Estadual, de 1927 a 1930 pelo P.R.M. Inspetor Geral da Instrução em 1931. Laureou-se, após brilhante concurso, na Faculdade de Direito da U.M.G. Catedrático da Introdução à Ciência do Direito, cadeira que ocupou desde 1932, havendo lecionado também Legislação do Trabalho. Exerceu, por duas vêzes, o mandato de Deputado Federal pelo P.R.

Como Deputado Estadual foi autor da reforma que introduziu, pela primeira vez, o voto secreto da legislação eleitoral e, também, da lei que pela vez primeira instituiu ação declaratória no processo civil.

Autor das seguintes obras "Hermenêutica Tradicional e Direito Científico" "Sociologia e Filosofia do

Direito". "Estudos de Psiscologia e Lógica". "Reflexões sôbre a relatividade". Tinha, em preparo, "Ensaios sôbre a Teoria do Conhecimento." Em francês, editara um resumo das obras anteriores com o título "Nouveaux Apponts à la Theorie de La Conaissances" para distribuição no estrangeiro. Numerosos trabalhos de sua autoria relacionados com a Filosofia e Direito foram publicados em revistas especializadas do país e do exterior. Membro registrado no Instituto Argentino de Filosofia Jurídica e Social, da Cátedra Alexandre Conn.

As obras de Carlos Campos, referentes ao Direito ultrapassaram a nação, merecendo expressívos elogios, de nomes como profs. René Demogue, da Universidade de Paris e Rafael Bieba, decano da Universidade do Litoral da República Argentina. Faleceu em Belo Horizonte a 26 de maio de 1955.

CAP. XIV

Firmina Santana

Agora esboçarei a figura de uma mulher que, pobre e humilde, conseguiu renome pelos seus esforços e grande fôrça de vontade.

É o exemplo que coloco à frente da mocidade feminina patense. A figura desta mulher que não se deteve a ilusões e nem à mediocridade desta literatura barata de revistas em quadrinhos. Desta literatura deformadora de caracteres e personalidades. Desta literatura de amores sensuais e hipócritas impressos em páginas de «Ilusões e «Caprichos», Queridas», «Vocês» «Cinderelas», «Cinelandias» e não sei mais o que destas deturpadoras do que temos de mais sagrado: o amor e o pudor. Esta mulher foi FIRMINA SANTANA, nascida em

Paracatu aos 18 de fevereiro de 1909. Fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar Afonso Arinos e Escola Nornal Antônio Carlos onde, depois de formada, lecionou nas Classes Anexas à Escola Normal. Em 1934 matricula-se na Escola de Enfermagem Ana Nery, do Rio.

Inteligência privilegiada. Indispondo-se com o professor de Patologia Externa, com autorização da Diretoria, não mais frequentou as aulas; permitiram-lhe fazer apenas as provas parciais e finais. Arguida sôbre tôda a matéria, obteve distinção e elogios do próprio professor que, ao final, depois de uma ironia de Firmina, saindo da banca examinadora disse: - «Quem pode com uma mulher desta! Nem a perseguir a gente pode. Pois sabe tudo. E' incrível esta Firmina. Mas não sei para que tanta inteligência numa mulher só».

Em 1937, termina o curso de enfermagem. Vai para a Argentina às expensas do Govêrno Brasileiro em 1940, onde faz o curso de Dietista na Escola Nacional de Nutrição. Tão brilhante foi seu curso, que o prof. Escudero, Diretor da Escola, dirigiu uma carta ao Ministro da Educação do Brasil, tecendo-lhe os maiores elogios. De volta ao Brasil, por muito tempo, foi assistente do prof. Josué de Castro. Organizou a dietética do Hospital dos Servidores Públicos, do qual era chefe. Criou uma Escola de Nutrição no Brasil, no molde da Argentina, tudo com considerações e projetos seus. Para se apresentar o projeto ao Ministro da Educação, serviu-se dum médico da Santa Casa do Rio. E esta Escola por ela criada foi, mais tarde, anexada à Universidade do Brasil. Em 1951 esteve em Campos do Jordão e no Maranhão, estudando as alimentações destas regiões, por imcumbência do

Govêrno.

Foi ao Congresso Internacional de Nutrição, realizado em Haia, como representante da ONU, sobressaindo-se entre os outros congressistas. Parte para os Estados Unidos, em 1952 em Comissão do Govêrno Brasileiro afim de aperfeiçoar seus conhecimentos. Terminou, com brilho. êste curso. Concorre ao curso de trabalhos realizados no Departamento Internacional de Saúde, para uma bolsa de mais dois anos de estudos daoda pelo Departamento de Estado Norte-Americano. Vencendo-se o prazo, com permissão do Govêrno Brasileiro, permanece em Washington, onde, a 31 de Julho de 1954, a morte a vem surpreender. Tal curso deveria terminar em fins de 1955.

Nota: Omitimos, propositalmente, a personalidade de Afonso Arinos, neste trabalho. Brevemente, publicaremos, um trabalho à parte sôbre êste ilustre filho de Paracatu.